



## **GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA**

Felipe Baunilha Tomé de Lima (1)

Universidade Federal da Paraíba – felipebaunilha@yahoo.com.br

**Resumo:** O processo de ensino e aprendizagem em biologia é alvo de diversos estudos nos últimos anos. A busca por uma escola plural e uma aprendizagem significativa tem estabelecido novos paradigmas para os educadores. O tema da sexualidade e do debate de gênero são dois dos temas controversos no currículo escolar. Este breve artigo relata a experiência desenvolvida em uma escola pública da Paraíba com a construção de metodologias possíveis para tratar de tais temas a partir do ensino de biologia.

Palavras-chave: Ensino de Biologia, Gênero, Sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

Estudos tem apontado que a prática de ensino dos professores de biologia e os materiais didáticos utilizados em sala de aula, em especial o livro didático, são demasiadamente expositivos e retratam o ser humano distante de sua diversidade estética, cultural, social e étnico racial (MACEDO, 2005; LOURO 1998; TRIVELATO, 2005). Uma das consequências para o processo de ensino e aprendizagem é a não identificação dos estudantes com este ser humano abstrato, o que prejudica os objetivos pedagógicos. O ser humano representado nos livros está distante das contradições, dúvidas, angústias, sensações de um modo geral vivenciadas mais intensamente na juventude.

Os adolescentes e jovens tem experimentado cada vez mais cedo conflitos envolvendo sua sexualidade, suas características étnico raciais, sua orientação sexual, elementos fundantes da construção de suas identidades e valores. Por reconhecer que a escola é um espaço privilegiado e necessário para a discussão desses e de outros temas diversos educadores e Movimentos Sociais pressionam o Congresso Nacional e o Ministério da Educação para estabelecer diretrizes que norteassem os currículos escolares. A aprovação da Lei Federal nº 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade para todas as redes de ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e as recentes disputas em torno da inclusão ou não das temáticas de gênero e sexualidade nos currículos são um exemplo dessa pressão.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Segundo o documento “Adolescente e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva” (BRASIL, 2011) ainda há pessoas com a visão de que debater sexualidade na escola estimularia os adolescentes a iniciar a vida sexual 'precocemente'. Não à toa vemos atualmente uma ofensiva de propostas conservadoras no Congresso Nacional sob a alcunha de ‘escola sem partido’, com foco central no debate sobre gênero e sexualidade na escola. A sexualidade não se resume ao ato sexual, envolve sentimentos, relações interpessoais e socioculturais, não começando, portanto, a ser vivenciada a partir da primeira relação sexual e sim desde o nosso nascimento até a morte. Sexualidade também diz respeito ao debate sobre a desigualdade de gênero e à homofobia, muitas vezes reproduzidas desde a educação infantil até os anos finais da educação básica. Outro documento da mesma série intitulado “Adolescente e jovens para a educação entre pares: raças e etnias” (BRASIL, 2011) aponta que a escola é um espaço onde os adolescentes e jovens negros defrontam-se mais violentamente com o racismo e discriminação racial.

O racismo, a discriminação de gênero e de orientação sexual, apesar de vivermos numa sociedade de bases multiculturais, ainda são práticas sociais enraizadas nas instituições (públicas e privadas) de maneira aberta ou oculta. São inúmeros os casos de discriminação nos mais diversos ambientes de nossa sociedade: mídia, futebol, emprego, escola, lazer, etc. As formas de manifestação destes preconceitos e violências são diversas, desde agressões físicas até formas mais sutis, não menos violentas como olhares discriminatórios, e se sustentam no mito de que o brasileiro é um povo sem preconceito já que provindo da miscigenação.

Segundo dados do Ministério da Saúde (2011) a maioria dos homicídios cometidos no Brasil são contra jovens negros. Boa parte desses jovens são moradores das periferias dos centros urbanos do país. A cidade de João Pessoa consta no mapa da violência no Brasil como uma das cidades onde mais se matam jovens negros. As causas são diversas mas os elementos em comum são estereótipos: jovens, homens, negros, moradores da periferia. Este é o perfil dos jovens que temos em nossas escolas da rede estadual de ensino.

Já o Dossiê Violência Contra as Mulheres<sup>1</sup> elaborado pelo Instituto Patrícia Galvão aponta que todos os dias, um grande número de mulheres, jovens e meninas, no Brasil são submetidas a alguma forma de violência. A violência contra as mulheres é a extrema manifestação de desigualdades de vários tipos, que foram historicamente construídas e vigoram, com pequenas variações, nos campos social, político, cultural e econômico da

---

<sup>1</sup> <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/>. Acesso em 03/08/2015  
(83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

maioria absoluta das sociedades e culturas. A Paraíba é o 4º estado brasileiro onde mais se matam mulheres em contexto de relacionamento estável, de acordo com o Mapa da Violência (2012).

E o Relatório Contra a Violência Homofóbica no Brasil 2012<sup>2</sup>, produzido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, aponta que além dos graves casos de violência física e homicídios na Paraíba as principais denúncias de violência se referem à discriminação e violência psicológica.

Alguns avanços no tocante a legislação e proteção social destas parcelas da população estão se consolidando e devem ser defendidos, mas há muito ainda o que fazer. A maioria da população é composta de pessoas negras, por mulheres e é cada vez maior o número de pessoas que se declara do segmento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBTs) e boa parte dela passou ou passará ao menos 10 anos na escola. Por isso a necessidade de debater estes temas a partir do ambiente escolar.

Alguns esforços tem sido realizados no campo de estudos de ensino e aprendizagem de biologia para retratar estes temas na escola, em sala de aula (MACEDO, 2005; LOURO 1998; TRIVELATO, 2005).

De acordo com o estudo de Marandino *et al* (2005) apesar da cobrança de intelectuais e cientistas para que as disciplinas escolares de ciências e biologia se aproximem mais de suas ciências de referencia, acompanhando sua evolução e novas descobertas para a incorporação nos currículos escolares, o que se percebe é que as disciplinas escolares seguem objetivos próprios. As autoras apresentam a hipótese de que as disciplinas escolares tem razões pedagógicas e epistemológicas para dar mais ênfase a determinados conceitos e conteúdos que diferem das formulações das disciplinas acadêmicas.

“A maneira como o conhecimento em biologia é apresentado nos diversos espaços é sócio-historicamente produzido, sendo influenciado por contextos educacionais, culturais e científicos mais amplos e pelas demandas de alfabetização científica da sociedade. [...] Desse modo cada uma das esferas educativas assimila e produz nova modalidade de conhecimentos biológicos, em sintonia com finalidades sociais específicas, demandando e gerando outras práticas e processos formativos para seus profissionais.” (MARANDINO *et al*, 2005)

Em síntese as autoras corroboram uma ideia defendida por outros autores (DELIZOICOV, 1994; PERNAMBUCO *et al*, 2009; GIL-PEREZ, 1995) e apontada nos

---

<sup>2</sup> <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>. Acesso em 03/08/2015  
(83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Parâmetros Curriculares Nacionais de que a organização dos conteúdos das disciplinas escolares, parte da construção do currículo escolar, não é neutra. Pelo contrário é influenciada pelas demandas sociais, culturais e econômicas da sociedade e dos sujeitos que constroem a comunidade escolar.

A vivência com o corpo, a forma de compreender o corpo, interfere diretamente em nossas ações pois constitui valores e regras sociais. Assim determinadas formas de violência não apenas são naturalizadas como tem respaldo social. Boa parte delas referentes a forma como lidamos, impomos controles e regras sobre nossos corpos, além de estabelecer, como afirmam vários movimentos sociais, um padrão de referencia cultural e estética a partir do sexo masculino, branco e heterossexual. Vejamos um exemplo de violência comum entre os jovens da geração nativa digital, a 'pornografia da vingança'. A vingança não existiria, ou ao menos seria atenuada, se normas socialmente construídas não fixassem um lugar para a sexualidade das mulheres associado a ideais de recato, privacidade e falta de direito ao prazer. São normas rígidas e tradicionais como essas que autorizam socialmente o julgamento e a 'punição' às mulheres que não seguem os padrões. Permitem ainda que muitas das pessoas que recebem esse tipo de material sejam cúmplices dos agressores ao repassá-lo adiante ou reiterar a hostilidade às vítimas. Do mesmo modo, padrões de masculinidade atuam para que os homens sejam maioria entre quem comete a 'pornografia de vingança' – para eles, muitas vezes, ter uma foto íntima divulgada não é motivo de julgamento moral, pelo contrário, trata-se de uma afirmação da sua masculinidade, uma prova da sua virilidade.<sup>7</sup>

O mesmo raciocínio pode ser utilizado para compreender a violência psicológica e simbólica contra a população LGBT. O Relatório Contra a Violência LGBT aponta que “ A população LGBT, assim como todos os demais brasileiros e brasileiras, merece respeito aos seus direitos para desfrutar de um país com um patamar de desenvolvimento capaz de incluir a todos e todas”. No caso das características étnico raciais, de acordo com Santos (2008), a população negra teve sua identidade, sua herança étnica, destruída desde o período da escravidão. O discurso da democracia racial é a principal sustentação do racismo, que no Brasil tenta ser omitido.

Gomes (2002) estudou o racismo na escola a partir da reflexão sobre os traços físicos (cabelo, corpo, entre outros) da população negra e o impacto na construção da subjetividade dos adolescentes negros a partir de sua vivência escolar. Uma das reflexões que a autora faz a partir da pesquisa é



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

“ A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético. O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário. Será que ao pensarmos a relação entre currículo, multiculturalismo e relações raciais e de gênero, levamos em conta a radicalidade dessas questões?”

Esta reflexão pode ser expandida para as opressões homofóbicas e de gênero. A existência de movimentos sociais de afirmação das diversidades e de resistência cultural e simbólica é fundamental para o combate s opressões e para a formação cultural do Brasil, que aliás é um país pluricultural.

Por estes motivos resolvi trabalhar estes temas estabelecidos como transversais para a Educação Básica em diálogo interdisciplinar com as demais matrizes curriculares. A partir do ensino e aprendizagem de biologia buscar naturalizar a diversidade e construir uma cultura de paz e respeito no âmbito escolar. O projeto promoveu o debate e construiu ações de respeito à diversidade a partir da vivência dos próprios estudantes utilizando dos seus mecanismos próprios de interação como redes sociais, rodas de diálogo, novas tecnologias, linguagem audiovisual, entre outros, incentivando o protagonismo juvenil como parte da construção do conhecimento. Busquei, a partir dos conteúdos de reprodução e genética abordados nas turmas de 2ºs e 3ºs anos do ensino médio, fornecer elementos e estimular os estudantes a refletir tais temas e problemas sociais e construir na escola um ambiente de convivência agradável, um clima escolar que favoreça o aprendizado e o respeito entre os sujeitos que constituem a comunidade escolar. O empoderamento dos e das jovens estudantes para que tenham autonomia e consciência crítica para construir sua identidade étnico racial, sexual e de gênero através do estudo e reflexão de temas trabalhados no ensino de biologia é fundamental para formarmos cidadãos conscientes e que saibam tanto conviver com a diferença quanto combater todas as formas de discriminação. Para tanto é necessário um trabalho pedagógico interdisciplinar que envolva tanto a comunidade escolar quanto os movimentos sociais no enfrentamento e minimização da violência na escola, na promoção de discussões sobre direitos humanos e diversidade e de estratégias metodológicas direcionadas a promoção do protagonismo juvenil.

## METODOLOGIA

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O desafio da construção do projeto foi desenvolver metodologias participativas e conexões interdisciplinares a partir dos temas transversais utilizando ferramentas das Tecnologias da Informação e Comunicação para estimular os estudantes a protagonizar a construção do conhecimento e formação de suas identidades. Buscamos trabalhar no Projeto os conteúdos de reprodução e genética utilizando metodologias que facilitassem a compreensão destes temas complexos e estimulando os estudantes, por meio de instrumentos avaliativos diversos, a melhorar sua compreensão textual, sua comunicação escrita, a compreensão de imagens, o desenvolvimento do raciocínio lógico e de probabilidade. Podemos compreender as fases de construção e implementação do projeto da seguinte forma: 1 – pesquisa bibliográfica; 2 – atividades sobre reprodução e sexualidade; 3 – atividades sobre genética, diversidade sexual e de gênero. Abaixo segue o relato e algumas análises sobre o desenvolvimento do Projeto com foco nas atividades relacionadas ao gênero e sexualidade.

### **1. Pesquisa bibliográfica**

Dei início à busca por referências bibliográficas que pudessem me auxiliar a trabalhar o tema a partir do ensino de biologia. Estes temas já são frequentemente abordados em outras disciplinas na escola dentro do eixo Cidadania e Direitos Humanos do Plano de Ação Escolar.

Ao analisar no livro didático adotado pela escola, Amabis (2013), as atividades e textos sobre reprodução e sexualidade me deparei com um discurso, uma narrativa, distante da vivência dos estudantes. O mesmo acontece ao buscarmos alguma reflexão crítica em relação à determinação genética da cor da pele: nenhuma alusão ao racismo ou às características estéticas da população negra como algo natural, apenas diferente do padrão estético caucasiano europeu. O corpo apresentado no livro didático é ‘esquartejado’ para fins didáticos, separado milimetricamente, um 'corpo' ideal, sem expressões, sem marcas culturais, um corpo distante daquele que vivenciam estudantes da educação básica. Por isso foi necessário buscar outras referências bibliográficas para auxiliar o desenvolvimento das aulas e atividades.

Alguns autores e autoras utilizadas em nosso projeto para compreender e estimular um debate crítico sobre corpo, gênero e sexualidade foram Gomes (2002), Louro (1998), Macedo (2005), Trivelato (2005), além dos documentos oficiais do Ministério da Educação e demais autores que refletem sobre o ensino e aprendizagem de biologia já citados anteriormente.

### **2 – Atividades sobre reprodução e sexualidade**



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Desde as primeiras aulas sobre o tema era inevitável a associação constante e imediata com elementos, dúvidas, sobre a reprodução humana. Esta é uma importante pista para compreender como se dá o processo de aprendizagem, sempre buscando associar os conceitos com algo conhecido, do cotidiano. Após a realização de atividades avaliativas sobre os primeiros conceitos apresentados comecei a trabalhar o tema da reprodução humana. Utilizei um texto introdutório do livro didático de Bröckelmann (2013) que versa sobre as diferenças entre sexo biológico, gênero e diversidade sexual. Desde o início priorizei uma metodologia dialógica, onde as aulas foram construídas a partir de um diálogo incessante movido por dúvidas, intervenções, questionamentos vindos a todo momento por parte dos estudantes. Na sala de aula foi estabelecido um momento rico de partilha e de produção coletiva do conhecimento. Esta forma de trabalhar os temas em sala de aula através da discussão de algumas situações-problema estimula os estudantes a formular respostas, desenvolver senso crítico, competências necessárias ao educando que devem ser estimuladas pela escola.

Para avaliar os conhecimentos aprendidos e estimular a troca de conhecimentos entre os estudantes da escola a atividade avaliativa que fechou o bimestre buscou envolver a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação, humor, criatividade e interatividade, além dos conhecimentos adquiridos e aprofundados durante as aulas de biologia. Consistiu em criar, em grupo, um conjunto de “memes” educativos sobre reprodução humana e sexualidade. O tema da atividade foi “Jovens ensinando jovens sobre sexualidade e reprodução” na qual cada grupo teve de elaborar, além do “meme” sobre os aprendizados obtidos em sala de aula, uma legenda explicativa sobre a imagem produzida. A atividade assim buscou estimular e desenvolver as competências e habilidades de ‘Representação e Comunicação’ e ‘Contextualização Sociocultural’ previstas nos PCNs para as ciências da natureza e suas tecnologias. Os trabalhos foram divulgados na página da rede social Facebook, [www.facebook.com/comuniqueTV](http://www.facebook.com/comuniqueTV), criada para ser um veículo de divulgação das atividades realizadas durante o Projeto e demais atividades protagonizadas pelos estudantes. Todos os estudantes foram orientados a “curtir” a página para receber todas as atualizações realizadas.

Alguns depoimentos são emblemáticos da importância do debate e de metodologias participativas na escola:

*“As aulas de explicação do conteúdo não foram tão legais, poucas aulas deram pra entender o assunto. Esse projeto de agora foi muito legal, deu pra aprender muitas coisas até mesmo rever*

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*meus conceitos sobre sexualidade das pessoas. Foi uma ótima experiência e foi algo que não estávamos acostumados a ver na escola, nem muito menos em casa, foi o melhor projeto do ano.”* Depoimento de Eunice de Oliveira Pires do 2ºA.

*“Tais atividades ao meu ver foram muito boas, e não tenho nenhum ponto negativo para destacar. Inclusive sou a favor de atividades assim que vão além do que está no livro, que instigam o estudante a se expressar e a pensar. Sobretudo quando o tema abordado é gênero e sexualidade, pois é necessário opiniões serem expostas e diferenças serem respeitadas.”* Depoimento de Yorhanne Sousa do 2ºA.

*“Gostei bastante, achei muito interessante o modo como um projeto pode ampliar e abranger minha mente para um modo de viver em sociedade com respeito, igualdade e prosperidade.”* Depoimento de Jônatas Henrique A. Fernandes do 2ºB.

### **3 – Atividades sobre genética, diversidade sexual e de gênero**

Lecionei aproximadamente 12 aulas sobre as pesquisas de Gregor Mendel e suas primeiras ideias sobre hereditariedade. Como os conhecimentos em genética mendeliana não dependem só dos conhecimentos em biologia propriamente ditos, mas também conhecimentos em matemática e probabilidade, boa parte dos estudantes apresentou muita dificuldade na compreensão dos conceitos. Ao identificar esta dificuldade busquei utilizar outras metodologias em sala de aula, dinâmicas que pudessem facilitar a compreensão das questões de probabilidade que envolvem a compreensão da genética.

Durante o desenvolvimento das aulas sobre genética comecei, junto com o Coletivo ComJunto de Comunicadores Sociais, com o Levante Popular da Juventude e com as professoras de história e educação física, a construir uma semana de debates sobre corpo, gênero, sexualidade, racismo e comunicação. No dia 13 de outubro foram desenvolvidas na escola 6 oficinas sobre a produção da informação e comunicação no Brasil e como os temas de gênero e sexualidade são abordados. As oficinas fizeram parte da VIII Semana pela Democratização da Comunicação realizada pelo coletivo ComJunto. As oficinas foram: 1 – produção de fanzines; 2 - texto, gênero e comunicação; 3 – rádio livre; 4 – rimas poéticas; 5 – fotografia com celular; 6 – grafite.

Na semana seguinte duas rodas de diálogo foram propostas para que os estudantes pudessem conhecer mais sobre os temas e ter oportunidade de ver mulheres e pessoas da população LGBT em lugares de referência, como formadores e formadoras de opinião. Os facilitadores e facilitadoras das rodas foram jovens integrantes do movimento social Levante Popular da Juventude. Na primeira roda de





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

diálogo as mulheres do Levante Popular da Juventude abordaram o tema da construção da identidade de gênero e das opressões sofridas pelas mulheres desde a infância.

A roda de diálogo cumpriu seu papel de levar a reflexão deste tema para a sala de aula, para a escola, como apontam alguns depoimentos:

*“bom ter essas aulas e experiências discutidas em sala de aula com alunos jovens e com mentalidades diferentes. Foi uma troca de conhecimentos, informações legais que nos colocaram a pensar de forma diferente e entender outros aspectos.”* Depoimento de Raniely Beatriz Q. da Silva do 2ºA.

*“Achei essas rodas de diálogos super interessantes, aprendi várias coisas e ajudou bastante a abrir nossas mentes sobre o projeto que teve semana passada aqui na escola. Foi super produtivo e divertido, fiquei na oficina de ‘gênero e comunicação’. Aprendi que os direitos que os homens tem as mulheres também tem que ter, como por exemplo o salário do homem é diferente do da mulher, a mulher recebe bem menos e isso temos que lutar pra mudar.”* Depoimento de Mayra Raquel Oliveira da Silva do 2ºA.

Na segunda roda de diálogo sobre a violência homofóbica os jovens pertencentes ao coletivo de diversidade sexual e de gênero do Levante Popular da Juventude buscaram contar suas experiências de afirmação da identidade sexual. A roda de diálogo teve início com relatos de experiências familiares de cada um, gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Após esta exposição inicial foi aberto um momento de debate e de perguntas para os estudantes. Foi um momento muito rico já que a maioria nutria um preconceito sem ao menos ter conversado ou se colocado no lugar de pessoas da população LGBT. Desde dúvidas primárias como “quando e como você descobriu sua orientação sexual” até questões mais complexas como “como você contou pros seus pais? Já sofreu alguma violência?” foram levantadas nos debates com as 3 turmas.

Infelizmente alguns estudantes não se permitiram participar do debate alegando que aquilo seria uma imposição homossexual. Não os obriguei a participar da atividade mas foram avaliados pelo seu comportamento e atitude. Muitos estudantes apesar de participar da atividade no momento do debate expuseram opiniões preconceituosas, agressivas contra a população LGBT, principalmente com argumentos religiosos.

*“Achei uma experiência positiva, um ponto negativo foi que as pessoas estavam tentando convencer que o que eles estão fazendo é correto e além do mais um jovem homossexual disse que não queria a benção de Deus, só queria direito de casar. Errado na minha opinião é você diminuir a grandeza de Deus e levar as pessoas*



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*ao seu contexto, mas como disse, uma experiência positiva, pois agora sei o pensamento deles diante da vida. Que possamos ter mais debates assim.” Depoimento de Lucas Avelino de S. Santos do 2ºB.*

*“A minha opinião é que o certo é o certo e o errado é o errado. Se nós nascemos homens ou mulheres é para sermos homens ou mulheres, com a sexualidade que viemos ao mundo para sermos. O que somos em que questões de opções sexuais eu respeito o lado de cada um, mas na minha concepção isso está errado.” Depoimento de Shallon Salvador da Silva do 2ºC.*

Mesmo com os contratempos e as atitudes preconceituosas vivências nas rodas de diálogo as atividades esta foram extremamente proveitosas. Promover o debate no âmbito escolar e permitir que as diferentes opiniões sejam expressas é fundamental para combater a violência de gênero e homofóbica. Apenas com debates, diálogos e com a vivência do Outro enquanto ser humano é que poderemos construir uma cultura de paz na escola e consequentemente na sociedade.

A atividade avaliativa consistiu no desenvolvimento de uma campanha de combate à violência na escola e por uma cultura de paz. Como muitas das agressões vivenciadas na escola partem das palavras, começam como agressões verbais, em grupos os estudantes foram orientados a criar 3 fotografias contendo frases que estes já tenham escutado ou pronunciado na escola e que considerem agressivas. Para tanto forneci alguns textos que pudessem auxiliar no aprofundamento dos debates vistos em sala de aula. As fotografias foram postadas no facebook. Cada fotografia veio acompanhada de uma legenda explicativa informando por que aquela frase é agressiva. A campanha teve grande adesão dos estudantes e demonstrou que os debates realizados durante o ano surtiram efeito na formação da consciência para a convivência com a diversidade humana.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Que corpo é apresentado nos livros, materiais didáticos e aulas de ciências e biologia? Eles dão espaço ou possibilitam a reflexão para a diversidade humana? Como homens e mulheres são educados a perceber e vivenciar seu corpo, construindo sua identidade e seus valores? Estas são algumas indagações feitas a partir de uma breve leitura dos livros de biologia destinados a educação básica na matriz curricular de biologia. Em geral os livros apresentam um corpo humano, um ser humano, esquartejado para fins didáticos, separando milimetricamente um 'corpo' ideal, sem expressões, sem marcas culturais, um corpo distante daquele que vivenciam os e as estudantes da educação básica. Será que este distanciamento, tido como necessário pelas ciências naturais fortemente



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

marcadas pela epistemologia positivista, contribui ou atrapalha o processo de construção do conhecimento?

O livro didático adotado pela E.E.E.M.I. Presidente João Goulart, Amabis (2013), aborda a questão da determinação da cor da pele, do corpo humano, de maneira estritamente biológica, sem fazer referência aos desdobramentos sociais referentes aos temas. Não há nenhuma reflexão sobre as desigualdades de gênero e sexualidade. Para Alves (2012) o livro didático deve ser

“um *suporte de conhecimentos escolares* proposta pelos currículos educacionais. É um suporte de *métodos pedagógicos* ao conter além dos conteúdos, exercícios, atividades e sugestões; como também *veículo de um sistema de valores de ideologia* de uma cultura determinada, de uma época e uma sociedade. Neste sentido, o Manual didático é um material produzido para o ambiente escolar, e dentro deste, pode exercer inúmeras funções de acordo com seu uso.”

Mesmo com toda a importância para a construção do conhecimento escolar o livro didático utilizado não contribui para uma reflexão crítica do que é estudado, omitindo debates e problematizações necessárias.

É possível e necessário trabalhar a partir do ensino de biologia uma outra forma de encarar o debate sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual analisando as suas consequências sociais. Para tanto é fundamental o diálogo entre escola e movimentos sociais para que os estudantes tenham uma referência de pessoas negras, de mulheres, de pessoas da comunidade LGBT em posições de destaque, na qualidade de também formadores do conhecimento no Brasil, de protagonistas de sua história.

Este projeto contribuiu para outra forma de construir o processo educativo, ressignificando o conceito de comunidade escolar ao incluir os movimentos sociais como formadores e espaço de formação do conhecimento e ressaltou um importante aspecto sobre a vivência dos estudantes como parte fundamental do planejamento educacional.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, M. A.. O afro-descendente na historiografia didática de história da Paraíba para o Ensino Médio: de 2001 a 2011 sob a luz da Lei 10.639/2003. UFPB. 99 páginas. Monografia (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2012.

AMABIS, J. M., MARTHO, G. R. Biologia em contexto. 1ª ed. – São Paulo: Moderna, 2013.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”.

BRASIL. Adolescentes e jovens para a educação entre pares : sexualidades e saúde reprodutiva / Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília : Ministério da Saúde, 2011

BRASIL. Adolescentes e jovens para a educação entre pares : raças e etnias / Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília : Ministério da Saúde, 2011

BRÖCKELMANN, R. H. Conexões com a biologia. 1ª ed – São Paulo: Moderna, 2013.

DELIZOICOV, D., ANGOTTI, A. J. Metodologia do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 1994

GIL-PEREZ, D., CARVALHO, A. M. P. Formação de professores de ciências: tendências e inovações. São Paulo: Cortez, 1995.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Rev. Bras. Educ. no.21 Rio de Janeiro Set./Dec. 2002.

LOURO, G. L. Sexualidade: lições da escola. In.: MEYER, D.E.E. (Org) Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MACEDO, E. Esse corpo das ciências é o meu?. In.: MARANDINO, M.; SELLES, E.S.; FERREIRA, M. S.; AMORIN, A.C. Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niteroi : Eduff, 2005.

MARANDINO, M.; SELLES, E.S.; FERREIRA, M. S.; AMORIN, A.C. Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói : Eduff, 2005.

PERNAMBUCO, M. M.DELIZOICOV, D., ANGOTTI, A. J., Ensino de Ciências: fundamentos e métodos.3ª ed. – São Paulo : Cortez, 2009.

SANTOS, R. E. Educação e relações étnico-raciais no Brasil: monoculturalismo e a construção da identidade negra. Revista Espaço Acadêmico, Nº 91, 2008.

TRIVELATO, S.L.F. Que corpo/ser humano habita nossas escolas?. In.: MARANDINO, M.; SELLES, E.S.; FERREIRA, M. S.; AMORIN, A.C. Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói : Eduff, 2005.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência. Instituto Sangari: São Paulo. 2012